



Nº 216 – MARÇO de 2026

Jornal da Casa do Povo de Pico da Pedra Fundado em 1975



CELEBRAR A PÁSCOA E SER ESPERANÇA

O cristão nasce na manhã de Páscoa com a vitória de Jesus Cristo sobre a morte e o pecado. Por isso ele é alguém vocacionado a viver na alegria e na esperança, alguém que, pela ação do Espírito Santo, deve fazer florir a esperança no seio da sociedade e ser testemunho vivo da alegria de Deus.

O cristão tem uma vocação sublime: ser esperança no meio do mundo. Acreditar contra toda a esperança, como diz a Escritura que fez Abrão, o Pai da fé. Acreditar na esperança como fez Maria de Nazaré. Não podemos viver com o desalento, o desespero dos discípulos de Emaús. Não podemos continuar “sepultados na tristeza, na angústia, no medo, na agitação nervosa, na atitude mórbida dos “sem esperança”. Acreditar no Ressuscitado, acreditar que Jesus está Vivo, deve significar ser presença de esperança,

ser portador da alegre confiança dos filhos de Deus.

Os caminhos de Deus são sempre de paz, serenidade, são contínua ânsia duma realidade nova, dum mundo novo. E o cristão deve aprender os desafios da humanidade; não pode fechar os ouvidos aos gritos alarmantes dos homens. E sabe que tem uma resposta e uma solução: Cristo Ressuscitado.

Ser esperança é “gritar ao mundo”: Cristo está vivo e ama-te. Se esperança é semear no coração de cada homem e de cada mulher a alegria de viver, o gosto de cantar, o sonho alegre duma vida feliz. Ser esperança é ser caminho para Jesus Cristo que é Ressurreição e Vida. Ser esperança é ser luz nos caminhos dos homens e mulheres apontando a verdade, a justiça, o amor. Ser esperança é depositar no coração de cada pessoa a semente do Reino que liberta e gera alegria.

Mas o nosso grito de esperança não pode ser dito só por palavras. A vida, os comportamentos, o modo de estar no mundo, de olhar e viver as realidades humanas e cristãs é que deve ser grito de esperança. Viver em esperança. Ser esperança. É o grito pascal do cristão.

Celebrar a Páscoa não pode ser um ritualismo vazio de sentido, um folclore religioso, uma piedosa celebração, porventura barulhenta e musical, um aparato litúrgico e humano, com flores e foguetes. Celebrar a Páscoa exige de nós compromissos vitais de verdadeiro empenhamento cristão. A transformação operada há dois mil anos nos Apóstolos, em Maria Madalena, em Saulo de Tarso, tem que ser hoje renovada e atualizada em nossas vidas. E o mundo, os homens e mulheres nossos irmãos e irmãs, dum modo particular os sem fé, os que sofrem, os que vivem sem esperança e sem alegria precisam encontrar em nós, no nosso modo comprometido de viver o Evangelho, de agir com amor, dedicação, serviço, disponibilidade, doação sincera, interesse gratuito, dedicada humildade, o rosto alegre do Ressuscitado.

Santo Agostinho, falando aos novos cristãos batizados na Vigília Pascal, comentando o Salmo que diz “Cantai ao Senhor um cântico novo”, ele exortava-os a que o seu modo de viver fosse de verdade um cântico novo, pois, duma música nova, duma nova melodia, trata-se duma vida nova, de novos comportamentos, duma nova inteligência e de um novo coração. Celebrar a Páscoa será, pois, aprender a cantar ALELUIAS afinados pelo diapasão do Espírito Santo numa verdadeira sinfonia existencial. Um coração bom, um olhar puro, uma língua caridosa, umas mãos serviçais, uns pés pressurosos para percorrer caminhos de paz e de bem estar, são os modos concretos de entoar sem cessar um cântico novo. O esforço diário na luta contra o egoísmo, a mentira, o ciúme, a inveja, a injustiça, o comodismo, a avareza, a crítica, os sentimentos de vingança ou de rancor, é contínuo ensaio para que a melodia da nossa vida seja um verdadeiro cântico novo.

Aproveitemos a Páscoa para sermos instrumentos para criar um mundo melhor. O mundo melhor depende de cada um de nós. Hoje impera uma agitação muito grande em muitos ambientes. Cristo conta connosco para com Ele ao leme da nossa vida, termos um mundo mais fraterno e mais humano. Sejamos profetas da ESPERANÇA, profetas dum mundo melhor.

A todos os habitantes e pessoas de boa vontade desta Freguesia do Pico da Pedra, lembrando também os irmãos da diáspora, uma Santa e Feliz Páscoa.

Vosso pároco e amigo

Pe. Manuel Galvão

Carnaval 2026



No passado dia 15 de fevereiro, a nossa freguesia, transformou-se num verdadeiro mar de fantasia, cor e animação, com a realização do 45º Corso Carnavalesco do Pico da Pedra.

À semelhança dos anos anteriores, o evento reuniu centenas de espectadores, naturais e visitantes, que, contagiados pelo ambiente

festivo, ajudaram a afirmar este corso como um dos mais atrativos da ilha.



A abertura esteve a cargo da Associação Ritmos de Santa Bárbara, que marcou o arranque do desfile com batidas entusiásticas, animando o público desde os primeiros momentos. Seguiram-se o grupo Marido & Marido, com o tema "Casas pela Temu", o grupo Ajurpe, com a sua 69.ª Companhia, o grupo de Esaú e amigos, subordinado ao tema "Venezuela", e o Galope dos Sagrados, com os seus cavalos pouco convencionais. As atuações proporcionaram momentos de humor e boa disposição, arrancando gargalhadas e aplausos ao longo do percurso.



Os carros alegóricos voltaram a destacar-se como um dos pontos altos do desfile. A abrir esta parte do corso surgiu o "Pequeno Mundo dos Faraós", um carro trabalhado com rigor e brilho, que contou com a participação das crianças dos CATL da Casa do Povo do Pico da Pedra, vestidas a preceito e cheias de entusiasmo. Seguiu-se o Vitória Clube do Pico da Pedra, que, através de momentos de comédia e sátira, conquistou os espectadores.

O Agrupamento de Escuteiros marcou presença com um carro alegórico dedicado ao amor, transmitindo uma mensagem de união e partilha. José António Sousa e amigos voltaram a surpreender com uma proposta repleta de cor, boas vibrações e dinamismo. O desfile encerrou com a participação da Associação Cultural e Recreativa, que apresentou uma marcha animada e um carro alegórico de grande impacto visual.



São todas estas participações que fazem do corso Carnavalesco do Pico da Pedra um marco cultural. Estamos todos cientes que mais do que folia, serpentinas e confetis este corso representa tradição, cultura e inovação. Por detrás destas representações fantásticas, estão horas de trabalho, onde todos se tornam pintores, costureiras ou até carpinteiros na elaboração dos seus carros. Não podemos esquecer a equipa de funcionários e membros da direção da Casa do Povo do Pico da Pedra que, entre ofícios, telefonemas, lanches, decorações, venda de massadas e organização, tornam este evento possível.

Um bem haja a todos os envolvidos, e segue a esperança de que no próximo ano, este Corso seja ainda maior e melhor e entre risos, danças improvisadas e reencontros, ficou a certeza de que a tradição segue viva, reafirmando o Corso de Carnaval do Pico da Pedra, como uma das mais valias culturais da nossa freguesia.



Carnaval 2026



Casas do Povo continuam a ser pilar social, cultural e desportivo nas freguesias

afirmou o Dr. Gualter Furtado



No contexto atual uma reunião como a de hoje é uma Assembleia do Povo, de mulheres e homens livres que reservam uma parte das suas vidas ou mesmo toda a sua vida para servir as comunidades em que estão inseridos.

As minhas primeiras palavras são de agradecimento pelo convite à Organização deste encontro de Casas do Povo, a que acrescento três saudações muito especiais, a primeira para a Casa do Povo nossa anfitriã a da Ribeira Grande, que como refere no seu Site: “Desde 1967, a apoiar os Ribeiragrandenses”, e as seguintes palavras vão para a Casa do Povo das Furnas e para os seus Órgãos Sociais que tomaram posse muito recentemente, o que significa que ainda existem pessoas disponíveis para prestarem este serviço nas Casas do Povo aos seus concidadãos, acresce que o meu avô paterno para além de associado desta Instituição, por um certo período terá também exercido as funções de presidente da Direção, era ele Manuel Furtado Sachinho, e a última saudação vai para todas as Casas do Povo aqui presentes, mas também para as ausentes.

A Origem e Funções das Casas do Povo no Antes do 25 de Abril.

A génese deste tipo de Instituições em Portugal resultaram sempre de várias vontades, como é o caso do da Igreja Católica, com o aparecimento e desenvolvimento das Misericórdias no séc. XV e com o impulso da rainha D. Leonor, que fundou a primeira Misericórdia do País, a de Lisboa no ano de 1498, do Estado que diretamente se socorre de grupos de cidadãos para desenvolverem políticas e funções designadamente as sociais, que em primeiro lugar competiam ao próprio Estado, como foi o caso das Casas de Povo, e ainda hoje continua a ser com as Casas do Povo, mas também com as IPSS e a generalidade das Instituições de Solidariedade Social.

Mas regressando à génese destas Instituições de intervenção social, outras houve fundadas por grupos de cidadãos, de que são exemplos os Lares Maçónicos, e ainda hoje existem nos Açores várias Instituições com esta origem, e designadamente nas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.

As Casas do Povo formalmente são fundadas em Portugal no ano de 1933, no Estado Novo, e para servirem como

instrumento de intervenção da política corporativa do “Chefe do Governo” de então no mundo rural e cuja missão e objetivos estão formalmente enunciados no Decreto Lei nº 23:051 de 23 de setembro de 1933, no qual também se autoriza todas as freguesias rurais a poderem criar Casas do Povo e assim praticarem funções de assistência e previdência aos trabalhadores rurais, incluindo a prestação de cuidados de saúde, num tempo de grandes carências, analfabetismo e de muita pobreza. Neste contexto, não admira que as Casas do Povo em Portugal tivessem tido um espetacular desenvolvimento, chegando a estarem em atividade nos anos 60 do séc. passado cerca de 600 Casas do Povo e com 90% destas a terem serviços médicos próprios.

Com o 25 de abril de 1974 em Portugal, o propósito e as funções das Casas do Povo mudaram muito, até porque mesmo que na “primavera marcelista” (governo de Marcelo Caetano que sucedeu ao de Salazar) os trabalhadores rurais tivessem tido acesso a alguns benefícios rurais, designadamente a sua integração na Caixa de Previdência, abrindo acesso às pensões e alguns apoios sociais, verdadeiramente foi com o 25 de abril que os trabalhadores rurais passaram a serem equiparados aos restantes trabalhadores no acesso a todos os direitos consignados na Constituição da República Portuguesa, acresce que o Serviço Nacional de Saúde e os Serviços Regionais de Saúde das Autonomias dos Açores e da Madeira foram um importante passo na equiparação e consolidação dos direitos do mundo rural, como foi também o acesso aos subsídios de maternidade e de morte.

As Casas do Povo no após 25 de Abril.

Com o 25 de Abril de 1974 e as transformações ocorridas, as Casas do Povo tiveram de reinventar as novas funções que teriam de prestar às comunidades em que estão inseridas, estendendo o seu campo de ação à prestação de novos serviços, indo ao encontro de novas necessidades dos tempos atuais e abrangendo novos públicos alvo, como sejam as crianças, os seniores, os



imigrantes, os doentes, e entrando em áreas das creches, ensino, cultura, apoio e promoção do bem estar dos idosos, apoio aos mais carenciados, parcerias com outras entidades, incluindo partilha e cedência de instalações, lares, festivais de sopas, etc, e mantendo algumas

funções tradicionais, como é o exemplo dos cuidados de saúde.

Com todas as mudanças iniciadas com o 25 de Abril de 1974, designadamente no campo social, poder-se-ia pensar que as Casas do Povo já não se justificavam, e é verdade que no País o seu número reduziu, mas tanto na República, como nas Regiões Autónomas continuam a prestar relevantes serviços às populações, de tal forma que o poder político democrático reconheceu que estas Instituições continuavam a serem úteis, e constituía uma forma organizada e democrática de grupos de cidadãos prestarem apoio às populações, designadamente aos associados e utentes, regulando em Lei a sua constituição, organização, funções e serviços a prestarem, mas impondo como obrigatoriedade para a sua criação e funcionamento um limite mínimo de 50 sócios. Com o Decreto-Lei nº 178/98, de 25 de junho, foi permitida a equiparação das Casas do Povo às IPSS desde que prossigam os mesmos fins, o que abriu novos horizontes para as Casas de Povo em matérias tão importantes, como sejam as fiscais, o acesso a benefícios e convenções com entidades públicas e privadas e assinaturas de protocolos com os Governos e Autarquias para o apoio a diferentes valências que as Casas do Povo tem em atividade.

Só para dar uma ideia da importância das Casas do Povo nas Regiões Autónomas, a Rita Andrade, a ex Secretária Regional da Inclusão Social e Cidadania, no aniversário dos 25 anos da Casa do Povo do Caniço em 1922, afirmou “que na Região Autónoma da Madeira existiam 43 Casas do Povo, e que chegavam a mais de 50.000 pessoas”, realmente isto é muito relevante, digo eu, já que isto representa que as Casas do Povo da Madeira, chegam a 20 % da população da Região Autónoma da Madeira (250.769 residentes segundo o Censo de 2021), e estão presentes em 79,6 % do total das Freguesias da Região Autónoma da Madeira (54), incluindo as 10 Freguesias do Funchal. Quanto aos Açores, de acordo com a informação que recebi e em conformidade com a listagem do Instituto da Segurança Social, temos 79 Casas do Povo, das quais 59 tem Acordos de Cooperação com a Segurança Social, abrangendo 4.170 utentes, com respostas sociais várias, envolvendo, crianças, adultos, idosos, deficientes, estando a praticarem relevantes serviços aos seus associados e utentes, com exemplos de verdadeiros casos de estudo pela forma como estão presentes junto das suas comunidades e qualidade das suas valências. Naturalmente, este número de utentes nos Açores deve ser alargado, não sendo este conceito comparável com o número das 50.000 pessoas referido pela Senhora ex Secretária Regional da Região Autónoma da Madeira. As Casas do Povo dos Açores estão presentes em 51% do total das Freguesias dos Açores (155), incluindo as Freguesias das cidades dos Açores. De registar ainda que presentemente existem nos Açores 234 IPSS, o que é um número considerável.

Desafios atuais que se colocam às Casas do Povo.

O primeiro Desafio é conseguir cidadãos e cidadãs disponíveis para abraçarem o desafio de irem “trabalhar”, sem remuneração garantida nos Órgãos Sociais de uma Casa do Povo e cumprirem com a legislação em vigor, bem como com os requisitos exigidos para se manterem em funcionamento.

O segundo desafio é fixarem valências permanentes e atividades pontuais que respondam às necessidades e carências efetivas dos seus utentes, e conseqüentemente arranjar os meios humanos, técnicos e financeiros adequados, o que obriga a um planeamento rigoroso e a parcerias que exigem paciência e muito trabalho.

A que se seguem os seguintes:

Conseguir o máximo possível de associados na sua comunidade, e pessoas beneméritas que ajudem a Casa do Povo a cumprir com a sua Missão,

Estarem atentas aos problemas estruturais das suas comunidades, como sejam a falta de habitação e dificuldades de acesso à habitação por parte dos casais mais jovens e o flagelo das dependências que está a minar e a destruir uma parte da nossa sociedade a que não podemos ficar indiferentes, a que acresce um úmero crescente de sem abrigo e famílias desestruturadas.

Questionar, mas não vacilar quanto rumo das Instituições Casas do Povo, refiro-me por exemplo à questão se as Casas do Povo devem transformar-se ou não em Misericórdias?, quanto a esta questão, devem ser bem equacionadas as consequências que uma opção destas comporta, quanto à natureza das Instituições em presença e os fins que prosseguem, incluindo as questões técnicas/financeiras e até de enquadramento no direito Canónico.



As Casas do Povo devem valorizar o Associativismo, sem Instituições fortes que as representem a tarefa de cada uma fica mais difícil.

Finalmente, o diálogo com os Parceiros das Casas do Povo, que são os Governos e as Autarquias deve ser permanente, franco, leal e fundamentado tecnicamente.

É fundamental que o Valor Padrão (utente/mês) determinado pelos Serviços dos Governos seja igual ao custo real unitário/mês por utente suportado nas diferentes Valências pelas Casas do Povo, sobretudo das que dependem em absoluto das transferências ao abrigo dos Acordos de Cooperação com os Governos, sejam Regionais ou Nacionais, por forma a não entrarem em situações de insustentabilidade financeira, comprometendo assim o seu futuro e prejudicarem os associados e utentes.

Gualter Furtado – membro Conselheiro da Ordem dos Economistas,

Ribeira Grande, 7 de fevereiro de 2026



Osvaldo Cabral
Pico da Pedra, março 2026

A toponímia do Pico da Pedra

A toponímia do Pico da Pedra é bastante rica, mas infelizmente pouco explicativa.

Com o aparecimento de novos arruamentos na freguesia, sobretudo nos bairros da Picolar e da Magnólia, assim como noutras artérias, foram colocadas as placas com os respetivos nomes das ruas, mas sem nenhuma explicação sobre o significado de cada uma delas.

Mesmo algumas das mais antigas também necessitam de uma explicação, nada impossível numa nova placa e em forma sintética e clara.

Porque se chama Avenida da Paz? Quem foi José Emídio Botelho, que dá nome a uma rua na Picolar? O mesmo para a Rua António Sérgio Sousa? E a Rua da Vitória, quem sabe o significado? E os moradores do Largo 28 de Outubro, sabem o seu significado?

A própria denominação da freguesia, Pico da Pedra, devia ter uma breve explicação nas placas das entradas da localidade, mesmo considerando a incerteza sobre a origem do nome.

De facto, como já escreveu o nosso amigo Gilberto Bernardo, não se sabe ao certo o que originou o topónimo Pico da Pedra, embora o historiador Urbano Mendonça Dias garanta, na História dos Açores, que ele deriva de uma pedra num dos montes da freguesia (neste caso, ao que parece, no Monte do Sr. João Luís da Câmara).

E avança o nosso investigador picopedrense: Porém, se tivermos em atenção as referências do Dr. Gaspar Frutuoso nas saudades da terra, onde nos fala de homens dessa localidade, nomeadamente Bartolomeu Roiz e João Roiz, a cujo sobrenome lhe acrescentou do Pico da Pedra, ficamos com a certeza de que o topónimo é do século xvi, época em que, segundo supomos, esta área do Pico ou Monte, a Sul do Povoado, se encontrava

bastante arborizada e dificilmente se descobriria a pedra



ou tais pedras, quase no cimo do monte.

Seja qual for a origem e concordando-se ou não com os nomes atribuídos às nossas ruas, elas merecem uma explicação nas respetivas placas, pelo que fica aqui o apelo à Câmara Municipal da Ribeira Grande e Junta de Freguesia para reporem a falta histórica em vários arruamentos do Pico da Pedra.

Já agora, é preciso substituir a placa que assinala a moradia onde nasceu o Eng. Dinis Moreira da Mota e avançar com outras placas nas moradias onde nasceram figuras importantes do Pico da Pedra, de que todos nos orgulhamos, como os escritores Onésimo Almeida e Cristóvão de Aguiar, assim como o poeta popular Luís Dias Carreiro, que já tem nome de rua na Magnólia (sem explicar quem ele é), mas não tem placa na casa onde nasceu.

carneval 2026

AGRADECIMENTOS

- Câmara Municipal da Ribeira Grande
- Junta de Freguesia do Pico da Pedra
- Associação Agrícola
- Cimentação
- Cooperativa de Consumo do Pico da Pedra
- Escritório Digital
- Frutaria Luís Estrela
- Italianos
- Mariano Brum Gouveia & filhos, Lda.
- Marques & Andrade, Lda.

- Marques Britas, SA – Grupo Marques
- Norlimpa de Moniz & Correia, Lda.
- Novo Banco dos Açores
- Pastelaria “Fonte Bela”
- Snack bar “Canto da Fonte”
- Snack bar “O Gonçalo”
- Snack bar “Sabor de Vida”
- Sr. João Almeida
- Todos os participantes no Cortejo



Luís Miguel Almeida

“Se calhar...”

AS PALAVRAS, A DESORIENTAÇÃO E A ANSIEDADE (E O SEU INVERSO)

«Depois do abraço, à despedida, vim magicando pela ladeira acima se não seriam as palavras a fonte de discórdia entre os falantes...» Esta é a forma como, de alguma maneira, o narrador do conto “Liberto”, texto presente em Trásfega, do nosso Cristóvão de Aguiar, justifica o casamento feliz, respeitador e duradouro entre o «Mouquinho» e «uma surda-muda como ele».

Por outro lado, Eugénio de Andrade, no poema “As palavras”, discorre sobre as palavras que inspiram e nos inspiram, que nos fazem sentir bem e nas palavras que destroem e nos destroem, que nos fazem sentir mal. As primeiras «São como um cristal». «orvalho apenas»; as segundas são «um punhal», / um incêndio».

Ora, servem estes exemplos destes dois brilhantes escritores para vos dizer que as palavras hoje mais utilizadas são, efetivamente, «punhais» para enxovalhar, humilhar e atacar os mais fracos e mais desprotegidos, para instigar o ódio e promover a divisão, para provocar a morte de inocentes e a destruição de comunidades e países. São palavras que “incendeiam” países, que corroem a confiança entre as comunidades de cada país, entre Estados e entre Estados e organizações de cooperação internacional. Este vocabular tem sido o utilizado por Chefes de Estados com maior poderio económico e militar em discursos erráticos, de forte pendor belicista (mais explícito ou mais implícito), eivados por um espírito autocrático, egoísta e mesquinho, e ajustados, sem critério constante, às situações mais convenientes para esses Chefes de Estado, desprezando o primado da lei internacional e ignorando, por exemplo, o papel da Organização das Nações Unidas que «é o de unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento, com base nos princípios da justiça, da dignidade humana e no bem-estar de todos».

Neste cenário, então, creio que é mas fácil entender o

estalar dos diversos conflitos armados a que vimos assistindo, em especial, de há cinco, seis anos a esta parte. Estou certo de que se torna mais claro que no mundo há uma inquietante tensão latente que leva a uma maior desorientação nas pessoas, as quais reagem instintivamente, as quais, por andarem mais ansiosas, perderam a capacidade de lidar com situações graves de forma mais racional e ponderada. A propósito da ansiedade, a revista Sábado, de 18 a 24 de fevereiro, contém uma completa reportagem sobre esta perturbação, «a epidemia do século», expressão do psicólogo britânico Graham Davey. Entre testemunhos, enumeração de estratégias para controlar os diversos tipos de ansiedade e dados estatísticos que ajudam a conhecer a realidade da ansiedade em Portugal, a autora do artigo aponta como fatores impulsionadores da ansiedade, entre outros, as guerras, as constantes notícias de desgraças e de violência, nos meios de comunicação social, bem como as ininterruptas publicações nas redes sociais que ofendem, que agridem, que humilham, quase sem controlo algum.

Termino, deixando-vos o desafio de nós, meros mortais, reforçarmos os nossos diálogos com palavras que sejam «cristais», portanto, valiosas e raras, e que sejam, ao mesmo tempo, «orvalho», isto é que alimentem o valor da Vida, que tragam novidade constante. Infelizmente, o ditado popular “O exemplo vem de cima” deixou de se aplicar. Desta forma, para o reeditarmos, teremos de ser nós o exemplo para aqueles que (des)governam o mundo, nós que acreditamos «nos princípios da justiça, dignidade humana e no bem-estar de todos», nós, em torno das palavras que unem, que acarinham, que curam, que dão alento, no fundo, que proporcionam a Vida. O exemplo do “Mouquinho” e da sua esposa surda-muda não engana!



Edison Alves Dias
Março 2026

O DIA DO VOTO

Este já não é o dia da festa do voto,
perdida a esperança na força da urna.

Este já não é o dia da decisão certa,
esmagada a mudança verdadeira.

Nem será o dia da resistente doçura
à utilidade do voto de qualquer clausura.

Este já não é o dia de aclamar vitórias,
nem as alegrias que Abril nos trouxe.

Este dia já não será o dia de outros dias!

Mas não te esqueças!... da tua "força".

Viva o Voto! Ou o Bode!



Gilberto Bernardo
Fevereiro 2026

DOIS AMIGOS QUE PARTIRAM A MINHA HOMENAGEM

O frio da ausência eterna, neste início do ano, levou-me dois amigos de infância; foi duro. Mas a vida não passa disso mesmo: uns chegam, outros partem. Quem fica sente-se e resente-se e, quase sem querer, recorda os bons tempos que vivemos como amigos.

O Orlando foi um dos meus amigos de infância e juventude. Embora ele fosse um ano ou dois mais novo do que eu, entendíamos-nos muito bem. Na época, os miúdos brincavam na rua e éramos nós próprios que idealizávamos os nossos jogos e brinquedos. Recordo das carrocinhas de carrilhos que fazíamos, dos carrinhos de esferas e de outros jogos, como o de cartas, que eu desenhava em cartão, ou os dominós que fazia, em madeira; os barcos que construíamos em casca de pinheiro e de como navegavam nos regatos da chuva...

Nesse tempo, feliz era aquele que tinha um brinquedo comprado. O Orlando teve um carro que era a inveja dos miúdos da rua: uma miniatura de camião que os tios ou primos mandaram do Canadá. Todos queriam brincar um pouco com aquele brinquedo que luzia e tinha pneus iguais aos carros verdadeiros.

Também havia outros jogos, com os quais nos divertíamos juntos: a sovela, o berlinde, o pião e o jogo da bola, por vezes feita de um novelo velho de retalhos - a bola de trapos -. O campo era improvisado na rua, com duas pedras a servir de balizas. Nessa altura havia poucos carros e não era perigoso brincar na via pública.

Recordo que os nossos jogos só eram interrompidos quando o sr. Domingos, condutor da casa do João Luís da Câmara, passava para a habitual distribuição da manteiga da Quinta de Nossa Senhora dos Prazeres, que fazia em Ponta Delgada, ou então, se por azar aparecia o cantoneiro ou o Sr. Costa, polícia municipal; de resto podíamos brincar descansados.

Ainda em crianças, por volta dos 10 ou 11 anos, trabalhámos os dois numa pequena indústria de cestos de vimes que existia aqui no Pico da Pedra. Depois, o Orlando foi trabalhar para o comércio de calçado, em Ponta Delgada, e nessa altura começou a aprender música, tendo chegado a dirigir, como maestro, a Banda Aliança dos Prazeres, antes de se casar e emigrar para o Canadá.

Da última vez que nos visitou, conversamos, e eu enviava-lhe este jornal, que ele agradecia sempre; era a maneira de continuar ligado à terra que o viu nascer. Porém, uma doença incurável interrompeu-lhe a esperança de nos voltar a visitar.

Um outro amigo que também nos deixou, no início do ano, foi o Augusto Rangel, com quem andei na escola primária. Éramos os que mais jeito tinham para desenhar: ele, cowboys e cavalos, eu ficava-me pelos potes, tigelas, e outros objetos que a professora nos dava como tarefa para desenhar à vista e fazer as respetivas sombras.

Como nem todos tinham jeito para desenhar, a professora incumbia-nos de dar uma ajudinha aos colegas, porque havia disciplinas mais importantes do que a do desenho. E havia-as, para aqueles que iam seguir para as escolas de Ponta Delgada e teriam de ir bem preparados. Foi o caso do Augusto, que foi para a Escola Industrial e tirou o Curso Geral de Eletricidade.

A professora Manuela, que esteve connosco no último ano, achava que eu tinha capacidade para continuar os estudos e, embora tivesse falado disso aos meus familiares, não foi possível; tive de ir trabalhar, porque a minha família era pobre e precisava da minha ajuda.

Mas eu e o Augusto continuamos amigos como dantes e, quando nos encontrávamos, falávamos de mil e uma coisas: dos filmes que ele havia visto e de tantas outras coisas que ia fazendo com os conhecimentos adquiridos na escola. Recordo de um pequeno motor elétrico que ele fez e que funcionava ligado à bateria de um carro.

Nesse tempo, eu andava a aprender a tocar violão, e ele também; ia-me ensinando novas posições que aprendia com o irmão mais velho e com o pai, o grande senhor Mário Rangel, responsável pelo ensino de viola e guitarra a muita gente da nossa ilha.

Andámos afastados um do outro e da nossa terra, por imposição das guerras coloniais, mais de dois anos; eu em Angola, ele em Timor. De regresso à ilha, reatamos a amizade. Durante muitos anos fomos vizinhos e os nossos filhos brincavam juntos.

O Augusto era um homem de muitas ideias e de as pôr em prática, com uma habilidade manual como poucos. Transformou com a suas próprias mãos, um velho Volkswagen num descapotável moderno. Assim, o homem que profissionalmente era técnico montador de telefones dos CTT era bem mais do que isso: as suas capacidades iam desde radioamador até construtor da sua própria moradia.

Nos primeiros anos do Grupo de Música Popular Voz da Terra, que criámos aqui no Pico da Pedra, éramos nós - eu e o Augusto - que tocávamos instrumentos de cordas.

Nos últimos anos, fruto de outras opções de vida, continuamos a encontrar-nos com menos frequência, pois o Augusto residia em Calhetas. No entanto, sempre que nos encontrávamos, tínhamos longas conversas, por vezes feitas de velhas recordações e de tempos que já não voltam.

A notícia do seu desaparecimento do mundo dos vivos, levou-me a pensar como é breve a nossa passagem por aqui.

Nesta pequena nota de homenagem a estes dois amigos, quero deixar também os meus sentidos pêsames às respetivas famílias enlutadas.



Lucília Bernardo

Fevereiro 2026

O QUE FICA É O AMOR

Hoje, ao ver na TV imagens tão trágicas das últimas inundações, principalmente em Portugal, provocadas pelas cheias, falhas nas drenagens e, em parte, agravadas pelas descargas significativas das barragens em Espanha, vi, entre muitas outras cidades e aldeias, partes das cidades de Leiria e Coimbra submersas.

Veio-me à memória a dolorosa história de Pedro e Inês, onde o amor proibido entre o príncipe herdeiro de Portugal, D. Pedro, e a galega Inês de Castro terminou de forma trágica. O infante D. Pedro assumiu o romance com Inês de Castro após a morte de D. Constança, sua mulher, de quem Inês era dama de companhia. Viveram felizes em Coimbra até esta ser assassinada, por ordem do pai de Pedro, D. Afonso IV.

Já ouvira, desde criança, da boca das minhas avós que "de Espanha, nem bons ventos nem bons casamentos". Este ditado popular não se aplicava a Inês de Castro. Viveram os dois um romance de conto de fadas, mas com um triste fim. Os restos mortais de D. Pedro e D. Inês encontram-se no Mosteiro de Alcobaça, no distrito de Leiria, em dois magníficos túmulos mandados construir por D. Pedro e colocados frente a frente, para que pudessem descansar para sempre ao lado um do outro.

Poderia, em vez desta, narrar a famosa história de amor entre Romeu e Julieta, do escritor inglês William Shakespeare, mas os nomes de Pedro e Inês estão ligados à minha família, pois também temos um Pedro e uma Inês que são os nossos netos mais velhos. Desde tenra idade que o amor entre eles era tão original e ternurento... eram abundantes as trocas de abraços e beijos entre ambos os primos que me deixavam derretida.

Os dois, quando mais novos, passavam muito tempo cá em casa, ora por estarem doentes, ora por estarem de

férias enquanto os pais trabalhavam. Recordo que a Inês, sendo mais nova que o primo, quando este chorava por ter saudades dos pais, enxugava-lhe as lágrimas com todo o amor e carinho. Algumas vezes com um guardanapo de papel, outras até com um pouco de papel higiénico, tentava acalmá-lo dizendo-lhe: — Não chores, Pedro, estou aqui contigo e os avós também. Somos tão felizes todos juntos... Não queiras entristecer os avós com este teu choro.

Ele lá se acalmava com tão doces e ternurentas palavras, que brotavam mais do coração do que dos lábios daquela meiga e inocente criança. Às vezes, a Inês, impulsionada pela empatia pelo primo, era subitamente contagiada pelo choro dele. Isto exemplifica bem a capacidade que o ser humano tem de se conectar emocionalmente e agir em prol do bem do outro.

Nesta ocasião, todos — avós e netos — se abraçavam, beijavam e distribuían carícias. Até apareciam guloseimas e o choro evaporava-se. Estas últimas, as guloseimas, é que desagradam aos pais, mas fazem parte do amor incondicional dos avós: um amor que mima, que dá colo e tempo sem pressa. Logo o choro era silenciado e rapidamente voltavam às suas brincadeiras como se nada tivesse acontecido. É caso para dizer: no fim, o que resta é o amor. O amor vence sempre, não tenhamos dúvidas.

Voltando às emblemáticas e históricas cidades de Leiria, com o seu castelo medieval, e Coimbra, conhecida como a cidade da paixão estudantil e do fado, espero que se conjuguem esforços para que se sequem as lágrimas; que todos deem as mãos na reconstrução destas duas cidades, assim como de outros lugares, casas e empresas... para que todos voltem a viver felizes, como foram D. Pedro e D. Inês de Castro e como são felizes os meus príncipes, Pedro e Inês.

FESTAS DE ANIVERSÁRIO NO “ESPAÇO DÁLMATAS”

A Casa do Povo tem ao seu dispor um novo espaço divertido e seguro para celebrar o aniversário dos seus filhos, localizado numa Aproximável zona verde com Parque infantil, merendário e polidesportivo.

Contacte-nos para mais informações





Eusébio Couto

(Email: eusebiocouto@sapo.pt)

Do pico da pedra

fevereiro 2026

A Nova Era sem traumas II

No meu último escrito deste jornal, o de dezembro, prometi incluir no próximo, que é este, a opinião do Chatgpt, sobre o que seria viver num mundo sem traumas.

Mas, antes de dar a palavra a esta máquina de processamento de dados, declaro o meu total interesse por este tema do trauma e que por isso tenho dedicado muito do meu tempo ao seu estudo e pesquisa, tendo entendido o quanto a vida de cada um de nós é condicionada por tudo o que nos aconteceu principalmente na infância e que será determinante na forma como percebemos e digerimos tudo o que nos acontece no decorrer da vida.

Dizendo de uma forma mais simples, as nossas vivências e acontecimentos do dia-a-dia, raramente nos são originais e genuínos, mas altamente influenciados, tornando-se como réplicas de um sismo principal, que pela forma como nos impactou o nosso ser e foi por ele digerido, condiciona e por vezes mesmo cria um novo ser irreal, que cada vez mais se distancia, do ser autêntico que somos.

Por outras palavras o que estou a tentar dizer, é que muitas vezes as nossas vidas são como as ondinhas resultantes da onda gerada pelo impacto da pedra lançada ao lago, que de uma forma fractal ou padronizada, repete-se até à eternidade.

Mas, se por um lado os acontecimentos traumáticos podem subtrair a verdadeira essência do nosso Ser e até a genuína liberdade, são no mundo de aprendizagem em que vivemos, estas peculiares vivências que nos dão a nossa individualidade com todos os desafios ganhos ou perdidos, de acordo com as opções de cada um.

Como seria então a nossa vida, se despertasse-nos desta realidade, vivendo cada momento sem qualquer ligação ao passado, nem tentando prever o futuro, sendo cada momento único, sem qualquer impacto no momento seguinte, ficando simplesmente a memória desprovida de julgamento e emoção negativa.

Alguns cientistas e tecnólogos já falam que a nossa vida é uma simulação provocada e controlada por alguém e que pretendem tecnologicamente retirar-nos deste

simulacro. Será que não seria interessante despertarmos antes disto acontecer?

“Narrativa especulativa (um vislumbre desse mundo)”

Imaginemos um dia qualquer nesse mundo:

O sol nasce e as pessoas despertam sem o peso dos pensamentos que costumavam perseguir os humanos do passado. As lembranças existem, mas não carregam dor. Alguém que antes teria vivido um abandono, hoje recorda apenas como uma experiência de passagem — sem medo, sem rancor, apenas como aprendizado.

As crianças crescem em escolas que não competem, mas celebram as descobertas individuais. Cada uma segue um ritmo próprio, sem sentir-se inferior ou superior. O erro é tratado como brincadeira de tentativa, não como fracasso.

No trabalho, não há exploração. As pessoas escolhem aquilo que naturalmente se conecta à sua alegria de viver. O padeiro acorda feliz por assar pães, o médico por cuidar, o artista por criar. Não trabalham por sobrevivência, mas por expressão.

As cidades são mais silenciosas, menos apressadas. Não existe correria ditada pelo medo de “não ter”, mas sim movimento fluido de quem deseja estar no mundo.

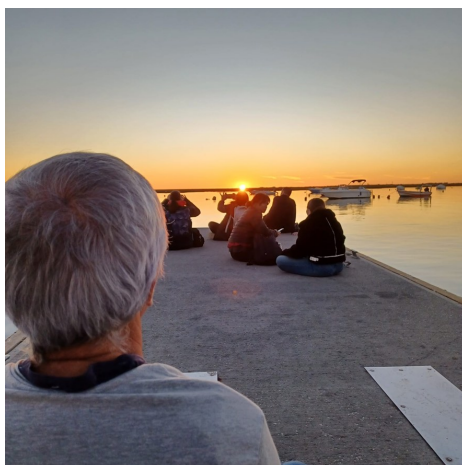
À noite, as comunidades se reúnem para partilhar histórias, não para compensar frustrações. As relações são mais leves — sem ciúmes, sem possessividade, pois ninguém teme perder algo que nunca lhe pertenceu.

Nesse mundo, a liberdade não é apenas um direito político, mas um estado natural da alma. Naquele instante, algo que jamais havia considerado foi compreendido: talvez,

mesmo em um mundo sem traumas, a mente ainda tente criar pequenas prisões. Não para nos ferir, mas porque o hábito de prender-se pode ser tão antigo quanto a própria humanidade.

Fechei os olhos e respirei fundo.

Não lutei contra o pensamento. Apenas o vi. E, no ver, ele começou a se dissolver.”





Paula Cabral

“Memórias”

Esta semana, um elemento da UMAR veio a uma das aulas para falar aos meus alunos do 11º ano sobre a violência nas relações íntimas entre jovens. A turma ouviu atentamente a comunicação da senhora, bastante fluente e cativante, cheia de exemplos concretos que conheceu ao longo da vida. Tudo começa com alguns sinais perfeitamente identificáveis, culminando, por vezes, em casos trágicos, que podem ser evitados se todos estivermos despertos para o assunto. Fui para casa a pensar no problema, que faz parte das percentagens negras da nossa região. 68 por cento dos jovens açorianos já viveram situações de violência no namoro.

De facto, a educação é o alicerce de toda a sociedade bem formada. Pode até ser um lugar-comum, mas não é uma determinação tão comumente posta em prática. Devia ser a prioridade de qualquer comunidade. No entanto, quando os modelos desta mesma comunidade são os piores exemplos de urbanidade, de civismo, de respeito pelo próximo, protagonizados por políticos e governantes, cujo comportamento e linguagem se pautam pela agressividade e desrespeito, não sei onde podemos ir buscar referências para dar aos nossos jovens, muito menos esperar que preconizem políticas que fortaleçam valores fundamentais de coesão social...

A nossa freguesia, que já foi dona de um sentido de comunidade muito elevado, padece atualmente dos mesmos problemas globais de desintegração da sociedade.

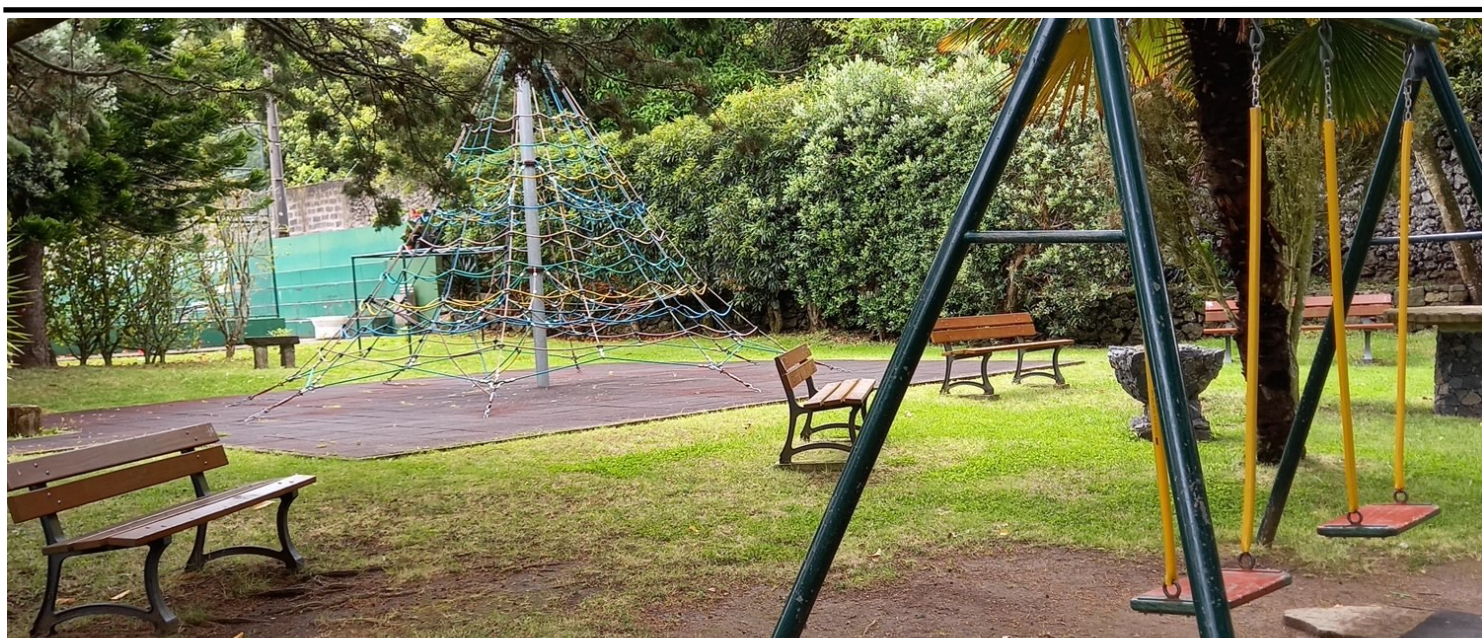
A desigualdade, a pobreza, a falta de acesso à educação redundam sempre em problemas sociais complexos e que são também uma forma de violência. A toxicod dependência é um caso muito sério e com

consequências que vamos testemunhando no quotidiano da freguesia. Dizem-me que há jovens que pernoitam no centro, no jardim público, que causam distúrbios nas imediações e sobressalto à população. É preciso atalhar este flagelo, juntando as organizações necessárias e as respetivas famílias para intervir no sentido de restituir a tranquilidade pública e, sobretudo, dar uma solução às vidas destes jovens. Tenho por referência ainda a comunidade da minha juventude, coesa e integradora, onde todos os jovens se sentiam envolvidos na vida e no destino da freguesia, independentemente de perfis sociais. Julgo que é esta dinâmica que está em falta. Temos muitas organizações jovens ativas e de exceção: a Filarmónica, o Vitória Clube, os Escuteiros. Talvez seja altura de se sentarem todos à mesma mesa e concertarem estratégias de abordagem aos problemas que afligem toda a comunidade. Por outro lado, há também muitos idosos em situação de isolamento, que precisam de apoio. Não seria mal pensado criar dinâmicas intergeracionais, pedindo a profissionais reformados que deem formação aos mais novos nas suas áreas de formação, criando oficinas em múltiplas áreas de trabalho.

Ficam algumas ideias.

Educar é uma tarefa coletiva. Se for pela promoção das relações entre gerações, tanto melhor, pois ninguém pode ficar para trás.

É que qualquer forma de violência começa na exclusão.





André Oliveira
março de 2026

Considerações

Um ano difícil para valer a pena?

O ano de 2026 adivinha ser um ano difícil para o Governo Regional dos Açores ao nível da execução orçamental. Com o final da execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e a necessidade de acelerar a execução do Programa AÇORES 2030, o Governo Regional já está a tomar medidas de “apertar o cinto” para ter verbas para executar todos estes investimentos.

Em primeiro lugar, veio a suspensão dos apoios da Marca Açores aos clubes desportivos, medida entretanto revogada após muita contestação por parte dos visados. De seguida, foi anunciada a suspensão das candidaturas aos contratos programa – valor investimento para as IPSS. O Governo também já havia anunciado que tinha um plano especial para a redução da despesa pública.

É nestes momentos que vemos a frágil economia e capacidade de investimento público da nossa Região. Por um lado, grande parte do investimento público infraestrutural é canalizado para estes programas, de forma a termos uma comparticipação comunitária. Assim, a Região só suporta uma fração do valor total do investimento. Por outro lado, mesmo com programas que deviam estar devidamente planeados ao longo dos anos, parece que é em 2026 que se vai fazer a grande maioria

dos investimentos. E, para isso, é preciso “apertar o cinto”. Ora, se não houvesse comparticipação comunitária, como e quando seriam feitos esses investimentos?

Adicionalmente, reflito: com tanto investimento público a fazer neste ano, que obriga a fazer cortes noutras áreas, será de esperar uma melhoria significativa em vários setores no final do ano, certo? Habitação, saúde, vias públicas, etc. Tem de haver um salto em termos de qualidade de vida! Caso contrário, valeu o esforço? Até porque, não permitir investimentos nas IPSS, significa estar um ano com esse setor “congelado”.

Todas as decisões têm custos, mas claramente os benefícios têm de superar os custos e têm de ser visíveis. Não basta dizer que executamos o PRR a 100%. Qual o impacto real? Como melhoramos a qualidade das infraestruturas, a eficiência da administração pública, a saúde, a habitação? Como se demonstra perante os outros países europeus que o dinheiro injetado nos Açores está a ter sucesso? 40 anos de integração europeia, com muitos milhões injetados, continuamos a estar abaixo dos 75% do PIB per capita europeu em paridade do poder de compra. Dá que pensar...

QUEM PAGAVA ERA A RÁDIO

Gilberto Bernardo - 2026

O adepto ficava a pensar que o seu clube era o melhor, mas esse nem sempre ficava bem e, nessa altura, quem pagava era o aparelho, meio pelo qual se comunicava, in loco, os resultados e o andamento do encontro.

Palavrões reprimidos e outros eram recitados enquanto decorria o jogo. Um rosário de imprecações contra os adversários. E assim, as tardes de domingo eram, por vezes, um calvário naquela casa, onde os outros familiares, não eram tidos nem ouvidos, caso quisessem mudar para outra estação menos barulhenta e mais adequada a quem da rádio gostava, para programas musicais.

Porém, a sintonia, nas tardes de domingo, estava reservada para um tipo de homem muito palavroso que, pela voz, se imaginava o ambiente das bancadas dos recintos desportivos: com gritarias, aplausos; pressentiam-se os remates, e ouvia-se, ainda, o longínquo apito do árbitro a assinalar, fora-de-jogo, penalidades e outras ocorrências que a rádio, que não tinha imagem, não deixava ver, mas o locutor com a sua capacidade

excecional ia traduzindo em palavras excitadas, acompanhadas a par e passo pelos “doentes do desporto rei”, como de uma imagem se tratasse.

A grande palavra mágica era o Golo: quando a bola entrava numa das balizas.

Mas, nem sempre os adeptos-ouvintes ficavam contentes, pois, por vezes, ela, “o raio da bola”, entrava na baliza errada, ou seja, na da equipa do ouvinte. E, quando isso acontecia, para além dos palavrões, sopros e socos na mesa, era, por vezes, o transmissor quem pagava a zanga. Nessas alturas, a fúria era forte e o “pobre” aparelho de rádio acabava também por apanhar a sua parte: um sopapo, ficando, por vezes, mudo, quando a força do murro lhe avariava os circuitos.

Contudo, os familiares podiam ficar descansados por uns dias. Enquanto o transmissor estivesse no conserto, não havia música para ninguém, mas a paz e o silêncio reinavam naquele casa.



Délia Melo

março 2026

Nos pormenores mora a Comunidade

Numa terra pequena, onde os rostos se repetem nas manhãs apressadas e os cumprimentos ainda se demoram à porta do café ou da cooperativa, a palavra comunidade não é um conceito abstrato, mas uma prática diária, um gesto, uma presença. Isso vê-se e sente-se nos pormenores, na união das pessoas em torno de um bem maior e na forma minuciosa como tudo é preparado.

Para mais um jantar em prol das obras da igreja, as mesas estavam alinhadas com cuidado, as cadeiras contadas uma a uma, as panelas a borbulhar na cozinha e os aventais atados com pressa, mas com propósito.

Ali, não há perguntas como “de quem é a tarefa?”. Cada um sabe, instintivamente, onde faz falta. Há quem descasque batatas, quem monte mesas, quem trate das contas, quem sirva à mesa com um sorriso cansado, mas inteiro. Mulheres e homens que, depois de um dia de trabalho, trocam o descanso por mais umas horas de serviço, não por obrigação, mas por convicção.

São gestos simples que constroem coisas grandes. E deste modo, um prato servido transforma-se em telhas novas, uma sobremesa vendida ajuda a pintar paredes, uma rifa paga o material que falta. E, sem dar por isso, a obra levanta-se não apenas em cimento e pedra, mas em confiança mútua.

No meio de tanta entrega, há rostos que se tornam referência. Gente que parece estar sempre na linha da frente, como o Senhor José Maria, homem de anos de experiência que não se poupa a esforços. É dos primeiros a chegar e dos últimos a sair. Arregaça as mangas, carrega mesas, varre o chão, dá conselhos,

conta histórias. Não manda fazer, faz. E, nesse exemplo silencioso, ensina mais do que muitos discursos.

Mas ele não está sozinho. Há tantas outras mãos anónimas, tanta gente de fibra, com esse espírito raro de trabalhar sem esperar nada em troca. Pessoas que acreditam que o bem coletivo vale mais do que o reconhecimento individual. Que compreendem que uma comunidade forte nasce do “nós” e não do “eu”.

Talvez seja isso que nos distingue: a capacidade de nos juntarmos quando é preciso. De perceber que, quando se quer e se acredita, tudo se torna possível. As dificuldades não desaparecem, mas ficam mais leves quando partilhadas. E aquilo que parecia impossível ganha forma - passo a passo, prato a prato, sorriso a sorriso.

Importa, por isso, valorizar o que de bom se faz, agradecer e reconhecer o esforço, porque são estas pessoas que mantêm viva a chama da entreatjada, que fazem da nossa terra um lugar mais humano.

No fim, as obras acabam, mas o que permanece é maior: a certeza de que, unidos, somos capazes de construir muito mais do que edifícios. Construimos pertença. Construimos futuro. Construimos comunidade.

VOZ POPULAR

Propriedade : Casa do Povo de Pico da Pedra

Redacção, Composição, Distribuição

Rua Dr. Dinis Moreira da Mota, 32

9600 PICO DA PEDRA

Telefone / Telefax: 296 490 350

Impressão – Coingra, Lda.



Teófilo Braga

Pico da Pedra, 17 de fevereiro de 2026



AS ABELHAS, EINSTEIN, AGOSTINHO DA SILVA E NÓS

Ao famoso físico Albert Einstein, criador da Teoria da Relatividade, publicada em 1915, e Prémio Nobel da Física, em 1921, por ter explicado o efeito fotoelétrico, são atribuídas várias frases, sendo algumas delas apenas imaginação dos seus autores.

Uma das frases mais difundidas é a de que “se as abelhas desaparecerem da face da Terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência”. Embora não se saiba se alguma vez Einstein fez aquela afirmação, o que é importante é que se trata de uma chamada de atenção para a importância das abelhas para a vida na Terra.

Embora possa parecer inesperada a referência a Agostinho da Silva, um dos mais influentes filósofos e humanistas portugueses do século XX, a verdade é que ele também se dedicou à entomologia — o estudo dos insetos —, incluindo a investigação sobre as abelhas.

De entre as suas publicações de carácter técnico e pedagógico, destacamos a intitulada “Apicultura”, datada de 1943, integrada nos seus “Cadernos de Informação Cultural”. Na publicação mencionada, para além de descrever os tipos de colmeias e de apresentar vários conselhos aos apicultores, Agostinho da Silva apresenta uma listagem de plantas que não são aconselhadas a estar próximas dos apiários, bem como de outras que são muito úteis para as abelhas, indicando os respetivos períodos de floração. Para além do referido, Agostinho da Silva recomenda a plantação de várias espécies melíferas, como o ligustro ou alfenheiro, nas estradas, caminhos e vedações de terrenos.

Tendo em conta que os polinizadores, como as moscas-das-flores, as borboletas e as abelhas, entre as quais a abelha-do-mel (*Apis mellifera*), desempenham um papel essencial nos ecossistemas, sendo fundamentais para a conservação da biodiversidade, a produção agrícola e o bem-estar humano, e que os mesmos enfrentam várias ameaças globais, incluindo alterações no uso do solo, invasões biológicas e mudanças climáticas, é fundamental que todos os cidadãos assumam um papel



ativo e não fiquem à espera que apenas as entidades governamentais tomem medidas. Muitas vezes, as decisões políticas acabam por ser condicionadas pelas pressões de grandes grupos económicos, fazendo com que determinadas ações fiquem esquecidas ou se limitem a intervenções superficiais, sem impacto real.

No passado dia 1 de fevereiro, o Núcleo Regional dos Açores da IRIS – Associação Nacional de Ambiente, organização que visa “contribuir para a recuperação e valorização dos valores históricos, promover o restabelecimento do equilíbrio dos ecossistemas e assegurar que bens essenciais como o ar, a água ou as florestas sejam geridos de forma sustentável, sem comprometer o futuro”, divulgou um comunicado no qual apelava à participação ativa dos cidadãos na defesa das abelhas e dos

restantes polinizadores.

Segue-se um excerto desse comunicado, onde são apontadas algumas ações de fácil execução:

- Plantar espécies nativas e diversificadas, especialmente plantas ricas em néctar e pólen, em jardins, varandas ou mesmo em vasos;

- Evitar o uso de pesticidas e herbicidas, sobretudo inseticidas, optando por métodos naturais de controlo de pragas;

- Manter espaços verdes mais “naturais”, deixando algumas áreas com flores espontâneas e evitando cortes frequentes da relva;

- Apoiar a agricultura sustentável, escolhendo produtos biológicos e locais que promovem práticas mais amigas dos polinizadores;

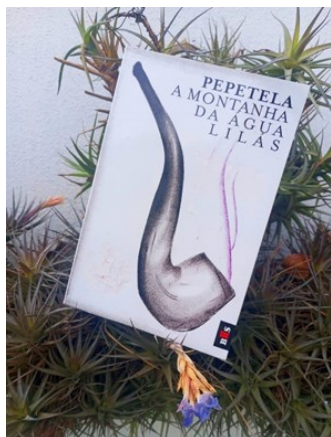
- Valorizar e proteger habitats naturais, respeitando áreas verdes e apoiando iniciativas de conservação;

- Sensibilizar outras pessoas, partilhando informação e promovendo atitudes amigas dos polinizadores na comunidade.



“Dois Livros por Trimestre”

Luís Almeida



Esta fábula, de Peptela, pseudónimo do angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, é uma genial e agriçoce alegoria do nascimento da economia de mercado – do que este modelo tem de bom, mas, em especial, do que permitiu de cruel. Na senda da tradição das comunidades africanas, é uma história contada, numa noite, por um ancião em frente a uma lareira, iniciando-se cada capítulo com uma ilustração que resume essa parte do livro.

Numa montanha em África, vive uma comunidade de seres cor de laranja, que se vão transformando, progressivamente, numa personificação dos homens e do seu estilo de vida capitalista. Esta comunidade vivia solidariamente, pese embora fosse composta por três grupos bem distintos: os Cambutas (cabeças no ar, criativos ainda que, muitas vezes, pouco práticos), os Lupões (organizados e para os quais o mundo é um conjunto de números) e os Jacalupis (preguiçosos, adoram comer, apesar de dependerem dos alimentos que os Cambutas e Lapões lhes arranjam). Todavia, esta sociedade harmoniosa começa a implodir quando o lupi-poeta descobriu uma fonte de onde jorrava um líquido lilás, com um aroma muito doce e muito intenso e que, por magia, matava os parasitas que viviam nos pelos dos lupis, deixando-os mais bem-humorados. Objeto de inveja não só pelos lupis como também pelos outros animais, esta nascente rapidamente espoleta disputas, modificando a estrutura social da comunidade, provocando uma profunda alteração no relacionamento económico entre os seus membros e membros exteriores a esta comunidade bem como leva também à degradação do meio ambiente. Critica-se, pois, o consumismo e o individualismo, que acabam por esmagar as necessidades básicas dos lupis e a sua vida solidária, anterior à descoberta da água perfumada e mágica. Ao mesmo tempo, os idealistas, os que põem em causa e alertam para os efeitos nefastos desta rápida e desumana transformação social e económica, são desprezados, enquanto que os medíocres e uma série de profissionais que nascem com esta revolução ganham notoriedade e muito dinheiro.

Em conclusão, um dom da natureza, que parecia ser a fonte da felicidade para todos, tornou-se, com o tempo, em fator perturbador da comunidade Lupi, espalhando o ódio, a inveja e uma ambição sem limites.



Esta é a história de Salvador Silver que nasceu em Água d'Alto, nos primeiros anos de 1900 do século passado, e rumou aos “States com o pai, a mãe, os quatro irmãos e as quatro irmãs. É a história de um rapaz que queria ser mágico como Houdini, mas que acabou por ser um gangster, arrastado também pelas consequências da Lei Seca dos anos 20, nos Estados Unidos da América.

Como é habitual em Pedro Almeida Maia, realidade e ficção entrelaçam-se e dão

corpo às personagens e às suas ações, fruto de um rigoroso trabalho prévio de investigação, adocicado, posteriormente, pela criatividade do escritor micaelense. Novidade é o narrador, que é uma personagem - o advogado que o protagonista procura para se defender e que se dirige ao escritor como “Prezado escritor” para partilhar com ele esta sua memória relativa a Salvador. Verdadeiramente surpreendentes são os diversos momentos em que o advogado reflete sobre propostas de títulos para esta obra, discutindo-os com o autor!

Quanto à história, Salvador cresce, na América, com a morte prematura do pai, moldado pelo insucesso escolar, num ambiente de violência, de criminalidade, dependente da “Olga” que «era um alambique [ilegal] de paredes de cobre”, frequentador habitual de “speakeasies”, locais de festas ilegais por causa do consumo (excessivo) de álcool e onde o jovem micaelense acabava, invariavelmente, por seduzir mulheres e acabar as noites envolvido com elas - no fundo, uma vida de constante desafio à Lei Americana. Apesar dos seus ataques epiléticos, consequência de situações mais tensas, o açoriano foi ganhando e gostando da experiência de ser um fora-da-lei, sendo arrastado para assaltos por mafiosos, num dos quais é responsável pela morte de um funcionário do banco assaltado. E é este momento que lhe vai mudar a vida...

Em suma, mais uma obra de Pedro Almeida Maia que tem tudo para se tornar numa série televisiva, mais um enredo em que o tema da emigração açoriana é explorado, mais uma obra que delicia o leitor não só pelo rigor histórico como também pelo humanismo que o escritor imprime a todas as personagens, ainda que o Destino os tenha atraído.



TOPONÍMIA

G. Bernardo - julho de 2025

RUA DO PODER LOCAL



A designação de toponímia desta artéria é uma homenagem ao Poder Local. De acordo com a constituição da república portuguesa de 1976, o Poder Local é constituído pelos municípios, cujos órgãos são: Camara Municipal e Assembleia Municipal e a freguesias, com sua Junta de freguesia e Assembleia de freguesia.

A organização dos municípios no nosso País, embora tenha passado por diversas fases evolutivas é, sem dúvida, a mais antiga forma de administração do país, que segundo alguns historiadores tem raízes no município romano.

Embora no início só as Vilas e Cidades possuíssem uma administração própria e delas emanasse as diretivas para todas as localidades do concelho, com a nomeação de juízes de vintena. Com o Liberalismo houve necessidade de alargar este poder, tendo sido criadas pelo Decreto nº 25 de novembro de 1830, as primeiras Juntas de Paróquia, destinavam a tratar dos assuntos

locais. De 1830 a 1835 a administração sofreu algumas alterações. Todavia o Pico da Pedra ao tornar-se freguesia a 16 de junho de 1835 e irá logo participar no ato eleitoral de 28 de junho daquele ano, elegendo os seus representantes locais. Em virtude da anulação deste tipo de administração no País, em fevereiro de 1836 é eleito a primeira Junta de Paróquia. As Juntas de Paróquia eram órgãos destinados a organizar a parte religiosa da freguesia. As juntas de freguesia, como órgãos do poder local só irão aparecer no início do Século XX, após a implantação da República, criadas pela lei nº 621 de 23 de janeiro de 1916. Até à revolução de 25 de Abril de 1974, durante o tempo da ditadura as Juntas freguesias eram compostas por 3 elementos nomeados pelas Câmara Municipal, de acordo com uma pseudo eleição que os legitimava.

Sendo o Poder Local, aquele que mais perto está das populações, é a partir dele que se consegue a eficácia das justas reivindicações de uma população.



Para conhecimento geral, a seguir se indica o valor das verbas entre 30/1/2025 e 28/02/2026:

Saldo anterior	7 769,11 €
Donativos Anónimos	460,76 €
Receita do Jantar (21/02/2026)	4 032,27 €
SALDO A 28/02/2026	12 262,14 €

Renovamos o apelo à nossa Comunidade residente e na diáspora, para que continuem a apoiar este importante projeto.





Junta de Freguesia do Pico da Pedra

Informação

JUNTA DE FREGUESIA DO PICO DA PEDRA ADQUIRE CAMIÃO

Era vontade de há muito tempo, a Junta de Freguesia dispor de um camião, para fazer face ao cada vez maior número de solicitações de uma comunidade que tem crescido, em número de pessoas e áreas de intervenção.

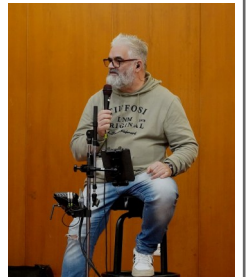
O dia 1 de janeiro de 2026 fica marcado pela concretização dessa vontade, com a bênção de um novo camião, resultante de um investimento da Junta de Freguesia, realizado ao abrigo de um acordo de cooperação com o Governo dos Açores, nomeadamente da Direção Regional da Cooperação com o Poder Local, tendo sido obtida uma comparticipação de 85% do investimento total que ficou cifrado em pouco mais que 45 mil euros. A bênção ocorreu logo após a Eucaristia das 10h30, tendo a cerimónia sido conduzida pelo reverendo Padre Manuel Galvão, pároco da nossa freguesia.



VII PROVA DO BOLO-REI DEU A PROVAR MAIS DE UMA DEZENA DE BOLOS

O salão da Casa do Povo do Pico da Pedra abriu as suas portas para a VII edição da Prova do Bolo-Rei, um evento organizado pela Junta de Freguesia do Pico da Pedra, que colocou à prova, na edição deste ano, mais de uma dezena de bolos-rei, oriundos de particulares e empresas.

A Prova do Bolo-Rei deste ano realizou-se a 11 de janeiro, num evento que tem por objetivo manter a tradição de Natal, com prova daquele bolo que é caraterístico da quadra natalícia, mas que, ao longo dos anos, sem perder a sua essência, foi conhecendo variações na sua confeção e apresentação. A animação do evento esteve a cargo do cantor Frank Rod. Jr.



CANTAR ÀS ESTRELAS

Um grupo de cantadores oriundos da freguesia do Pico da Pedra, acompanhado por músicos da Filarmónica Aliança dos Prazeres, voltou a participar em mais uma edição do Cantar Às Estrelas, numa organização da Câmara Municipal da Ribeira Grande, realizada a 1 de fevereiro, véspera do dia da Padroeira da Ribeira Grande.

A perpetuação da tradição de cantar a Nossa Senhora da Estrela leva a que este evento proporcione um encontro intergeracional, onde se nota cada vez a maior adesão de jovens que se juntam a cidadãos com maior experiência e que levam o bom nome da nossa freguesia a um evento que tem contado anualmente com cerca de 2000 pessoas, que este ano se dividiram por trinta e três grupos.





ALIANÇA DOS PRAZERES TOCA E ENCANTA

"No passado dia 6 de março (sexta-feira), com o rigor próprio do inverno, a noite apresentava-se chuvosa, ventosa e fria — um convite a um serão sereno no conforto do lar, talvez com a lareira acesa. No entanto, o mau tempo não impediu que muitos se dirigissem à nossa Igreja para assistir ao concerto da nossa Filarmonia: 'PASSOS DA PAIXÃO - Música e Palavra na Paixão do Senhor', sob a regência do maestro Carlos Sousa e com narração de Vítor Alves.

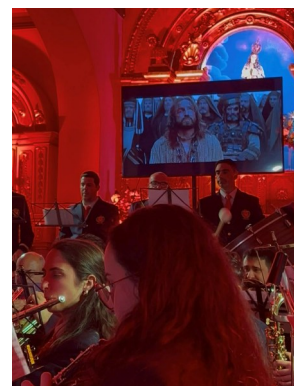
Através de três ecrãs estrategicamente colocados, o público pôde acompanhar a Paixão e Morte de Jesus Cristo. As imagens, de um realismo impressionante, fundiram-se harmoniosamente com a interpretação de uma banda predominantemente jovem e bem afinada.

Louvamos esta iniciativa, que demonstrou, uma vez mais, o elevado nível musical da nossa Filarmonia e a sua constante disponibilidade para os momentos fortes da comunidade.

Expressamos o nosso apreço ao Pároco, Padre Manuel Galvão, pela cedência da Igreja, bem como à Junta de Freguesia pelo apoio incansável. O esforço conjunto permitiu-nos usufruir de um evento desta categoria no período Quaresmal que agora vivemos.

Quem esteve presente saiu de alma cheia. Os calorosos aplausos foram um agradecimento justo, embora singelo, por uma hora e meia de beleza e profunda reflexão.

Obrigado, Aliança dos Prazeres!"



MAU TEMPO

Este céu azul sem nuvens
Nem nos lembra a tempestade
Com suas cordas de chuva
Que mais parecem correntes
Repuxadas pelos ventos
Que altas vozes na rádio
O mau tempo anunciam
Desatam esta estação
Trocando este Verão
Que não foi muito esticado
Nem em tempo, nem calor
Mas, nestas coisas do tempo
Nós não podemos mandar
Ele faz o que bem quer
Temos é de o suportar
Pois, se a gente programasse
O tempo a nosso gosto
Também não ia dar certo
Porque o tempo projetado
la gerar discussão
Porque os que são pelo não
Nunca querem o proposto
Uns queriam sempre outono
Outros, só a primavera
Outros, ainda o verão
E o mau tempo, pra quem era

2025/09 G. Bernardo

TRABALHO

Lançar as redes, não sei
Nem nunca fui pescador
Mas tive outras profissões
Tive muitas, sim senhor
Muitas eram bem pesadas
Chegava à noite dorido
E com as mãos calejadas
E com os ombros feridos
Passei por muitos trabalhos
Queria sempre um melhor
Dessa procura aprendi
O trabalho é todo igual
Uns cansam a nível físico
Outros, a nível mental
E pela minha experiência
Meu amigo, não se esqueça
Há trabalho que mói o corpo
Outros dão dor de cabeça.

2025/09 G. Bernardo

MEDO DO FUTURO

São cada vez mais incertos
Os planos que o mundo faz
E nenhum nos leva à paz
Enquanto se fabricar
As armas para a matança
E semear entre os povos
Ódios para manter a guerra
Não pode haver paz na terra
Enquanto não se chamar
À justiça os grandalhões
Blasfemos e fanfarrões
Donos de alguns países
Que nos deixam infelizes
Pelo seu mau proceder
Sequiosos de poder
Que por mais terra tenham
Muitas outras querem ter
E o pacato cidadão
Olha para isso inseguro
Temendo o amanhã
Com medo deste futuro

2025/12 G. Bernardo



Vitória Clube do Pico da Pedra

Mérito Escolar

Em memória do Mister António Medeiros

O Vitória Clube do Pico da Pedra realizou a cerimónia de entrega dos prémios de Mérito Escolar, um momento que simboliza uma das grandes missões do clube: formar atletas que sejam, acima de tudo, cidadãos capazes de tomar decisões éticas, conscientes e responsáveis no seu futuro.

No Vitória, o futebol e a escola caminham lado a lado. O clube não descarta a importância da formação académica no desenvolvimento integral e harmonioso dos seus atletas, valorizando o empenho, a dedicação e a responsabilidade demonstrados ao longo do ano letivo.

A promessa que se tornou legado

Em vida, o Sr. António Medeiros fez uma promessa ao escalão que treinava: premiar, no final de cada ano letivo, os três atletas com melhor rendimento escolar. Para o Mister, o sucesso académico tinha um peso enorme na formação dos jovens. Exigia compromisso dentro de campo, mas também na sala de aula.

Em meados de 2020, o Mister António Medeiros partiu para "treinar noutro reino". Porém, a sua família, de livre e espontânea vontade, decidiu dar continuidade a esta iniciativa, mantendo o prémio monetário destinado aos três melhores alunos do escalão de Sub11, um escalão que lhe era especialmente querido.



Ao longo dos anos, este gesto tem enriquecido as nossas comemorações e reforçado a mensagem que o Mister sempre defendeu: ser bom jogador é importante, mas ser bom aluno é fundamental.

Sub11 – Época 2024/2025

No ano letivo 24-25, os distinguidos foram:

- 1.º Lugar – Lourenço Silva
- 2.º Lugar – Telmo Avelino
- 3.º Lugar – Carlos Pereira

A entrega dos prémios esteve a cargo do sobrinho, Dr. Renato Furtado, num momento simples, mas carregado de significado, onde a memória do Mister António Medeiros esteve bem presente.

significado, onde a memória do Mister António Medeiros esteve bem presente.

O Vitória Clube do Pico da Pedra agradece profundamente à esposa Dona Ester Medeiros, filhos e restante família do Mister António Medeiros, por continuarem a honrar esta promessa e por manterem vivo um legado que jamais será esquecido.

O Mister estará sempre nas mentes e nos corações das gentes do Pico da Pedra.

Porque o Vitória não é grande, é ENORME.



Casa do Povo
Pico da Pedra



48 anos a servir o Pico da Pedra

CENTRO DE DIA E DE CONVIVIO "S. JOSÉ"

Coordenadora Tânia Bento

DIA DE REIS

No passado dia 06 de janeiro, por ocasião do tradicional Dia de Reis, os idosos e as idosas do nosso centro de dia assinalaram esta data temática, primeiramente, dando asas à sua criatividade, quando convidados a decorar a gosto, a sua coroa, com recurso aos mais variados materiais, a ser, posteriormente, usada no âmbito do nosso lanche, onde não faltou a lenda e o próprio bolo-rei, degustado com um chá quentinho, pois, o frio convidava!

Recebemos também "visita boa", como carinhosamente os nossos utentes assim consideraram, surpreendidos uma vez mais com algumas crianças da nossa creche "Pedrinha Mágica" que vieram alegrar ainda mais este dia e desejar um "bom ano".

A tarde seguiu animada com cantigas tradicionais, entoadas por colaboradores e idosos e fotos para a posteridade!



SESSÃO DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

Com o objetivo de apostar na prevenção de quedas na população idosa, no passado dia 12 de janeiro do corrente ano, as nossas instalações acolheram uma iniciativa da *Escola Superior de Enfermagem*, na figura de duas estagiárias deste Curso, a Beatriz e a Joana, cuja apresentação se revelou uma mais-valia em dotar os nossos utentes de centro de dia e de

centro de convívio, de formas de agir antes deste tipo de situações surgirem, afim de evitá-las e, em caso de queda, efetivamente, como os mais velhos devem proceder, enfatizando sempre uma mensagem promotora de um envelhecimento mais seguro, ativo e saudável.



DIA DO OBRIGADO!

Neste dia temático, utentes e colaboradores do centro de dia e convívio partilharam opiniões, afetos, gestos e palavras demonstrativos da gratidão nas nossas vidas, enaltecendo a importância de cada um e o valor que cada um dá às pessoas,

às vivências e a outros bens que nos deixam felizes e, que nos fazem acreditar no que vale a pena, nos devendo encher de reconhecimento e resiliência!



DIA DE AMIGOS e as AMIGAS também!

Cumprindo uma tradição tipicamente açoriana, no passado dia 22 de janeiro assinalamos nas nossas valências séniores, o DIA DE AMIGOS, convidando os nossos séniores à partilha, ao diálogo, à reflexão sobre o valor da amizade, mas também à evocação de memórias do passado e suas histórias, com tanto de emoção quanto riso. As horas passaram-se a confraternizar, entre trava-línguas e adivinhas e, a degustar um lanchinho mais docinho, regado com fotos para mais tarde recordar.

A par desta iniciativa, seguiu-se mais um convívio e celebrações que reforçaram os laços de amizade do grupo, sendo um momento de grande união e alegria, onde a malassada não pôde faltar como iguaria especial desta quadra no DIA DE AMIGAS e onde os nossos utentes foram protagonistas de um desfile de chapéus por demais originais!



14 de fevereiro, DIA DOS AFETOS

. Nesta data procuramos no nosso centro de dia e convívio valorizar a amizade, a empatia e o carinho das mais variadas formas, nas dinâmicas que unem utentes e colaboradores e, na relação humana que nos liga e, para a qual trabalhamos diariamente para que, a mesma seja positiva, alegre e focada no bem-estar coletivo.

Através de gestos simples, trocados entre ambos, sob a forma de abraços ou até mesmo de presentes simbólicos nos “amigos invisíveis”, assim como, pela partilha de mensagens e histórias, docinhos e salgados, com recurso a jogos pedagógicos e a fotos, a nossa tarde foi acolhida com gratidão e sorrisos nos laços partilhados na nossa valência.



CATL “Pequenos Curiosos”

**Responsável
Andreia Cabral**

As crianças vivem o ano como uma grande aventura cheia de magia, surpresas e dias especiais que ficam guardados no coração. Desde o brilho do Natal até à alegria colorida do Carnaval, cada momento traz uma nova história para contar. O dia dos amigos também tem um encanto próprio. No Catl trocam abraços e sorrisos.

As crianças aprendem que a amizade é um presente que não precisa de embrulho, basta carinho, respeito e companheirismo. Entre risos e segredos partilhados, fortalecem laços que podem durar uma vida inteira.



CRECHE "Pedrinha Mágica"

Coordenadora Rita Sá

Dia dos Amigos

As últimas semanas foram vividas com muita alegria na nossa creche. Começámos por comemorar o Dia dos Amigos e o Dia das Amigas. No Dia dos Amigos, os papás deram asas à imaginação e prepararam gravatas originais e divertidas.

As crianças participaram num pequeno desfile, seguido de um momento de festa e diversão.



Dia das Amigas

Já no Dia das Amigas, foi a vez das meias criativas brilharem na passerelle. Agradecemos, mais uma vez, o envolvimento das famílias, que contribuem sempre para que estas atividades sejam um sucesso.



Carnaval

Este ano, o tema coletivo escolhido foi os Dálmatas. As crianças vestiram-se a rigor de pintas pretas e orelhinhas caídas. Para além das fantasias, preparou-se um Carnaval sensorial, pensado para estimular os sentidos e proporcionar novas experiências.



Realizámos ainda um pequeno "Assalto de Carnaval", onde cada criança pôde trazer a sua fantasia favorita.

Em suma, foram dias cheios de alegria e muita diversão.



CATL "Mundo Mágico"

Coordenador Nelson Alves

Na última edição deste jornal falamos na preparação para a Festa de Natal dos CATLs, uma vez que à data da sua emissão esta festa ainda não se tinha realizado. Por isso mesmo, começamos esta edição por fazer referência à Festa de Natal dos CATLs, que se realizou no dia 10 de dezembro no salão desta Casa do Povo, com a participação de cerca de 160 crianças que abrilhantaram o espírito natalício com as suas diferentes atuações preparadas com a ajuda das Ajudantes de Educação. Para reafirmar o espírito natalício as nossas crianças foram ao Lar Manuel d'Almeida Moniz espalhando este espírito a outra Instituição da freguesia.

Realizada a festa de Natal, logo de seguida, iniciaram-se os trabalhos para o Corso Carnavalesco do Pico da Pedra, organizado pela nossa Instituição, e que promove uma grande afluência de pessoas na nossa freguesia, sendo o tema deste ano (dos CATLs) "O Pequeno Mundo dos Faraós", participando com um carro alegórico e com um grupo, desfilando com uma coreografia.

Para além destes dois eventos, cuja preparação implica grandes esforços, também foram realizadas outras atividades no CATL Mundo Mágico, nomeadamente:

- dia de reis: em que algumas crianças contaram e encenaram a chegada dos 3 Reis Magos;
- dia do riso: em que as crianças iam visitando as diferentes salas do CATL, cada uma com a sua atividade preparada pela respetiva Ajudante de Educação, provocando o riso nas crianças;

- dia dos amigos: o dia dos amigos foi celebrado no dia 22 de janeiro com um lanche convívio, sempre adorado pelas crianças, seguido de alguns jogos e brincadeiras;

- dia das amigas: o dia das amigas foi celebrado no dia 29 de janeiro e, tal como o dia dos amigos, foi celebrado com um lanche convívio, seguido de alguns jogos e brincadeiras

Durante os meses de janeiro fevereiro e março o CATL Mundo Mágico pode contar, ainda, com a colaboração de uma estagiária (PAP) do 3º ano do curso de Técnico de apoio à infância da Escola Profissional da Ribeira Grande, com o tema "Segurança e Bem-estar infantil em contexto familiar e educativo", tendo realizado diversas atividades, promovendo um ambiente seguro no CATL.

Não podendo desperdiçar a oportunidade, aproveitamos para agradecer aos pais das crianças que frequentam o nosso CATL por toda a sua colaboração e afincio nas atividades realizadas pelo CATL, pois esta preciosa colaboração enriquece o funcionamento e as concretizações do CATL. Agradecemos, também, a todos os que colaboraram connosco na preparação do Carnaval, quer na preparação da trela, quer na participação no desfile. Gostaríamos, também, de aproveitar esta oportunidade para agradecer pelos donativos que nos têm feito chegar ao CATL, quer de natureza pedagógica, lúdica ou artística. Os nossos agradecimentos a todos.

Bem hajam e até à próxima edição do Voz Popular.



CATL “Piratinhas”

**Responsável
Sandra Cordeiro**

Ao longo dos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, o nosso CATL continuou a dinamizar um conjunto diversificado de atividades que promoveram a criatividade, a autonomia e o espírito de grupo das crianças. Cada proposta foi cuidadosamente planeada para proporcionar momentos de aprendizagem divertida, fortalecer a convivência positiva e estimular a descoberta de novas capacidades.

Em dezembro, vivemos o espírito natalício com grande entusiasmo, realizando trabalhos manuais alusivos à época, decorações, ensaios e momentos de partilha.

O mês de janeiro marcou o início de um novo ano repleto de energia e motivação. Desenvolvemos dinâmicas de grupo, jogos cooperativos e atividades criativas que incentivaram a definição de objetivos, a ajuda e o reforço dos laços entre as crianças.

Já em fevereiro, destacaram-se as atividades temáticas e lúdicas, com especial enfoque na imaginação e na expressão artística. Entre desafios criativos, celebrações e momentos de grande animação com especial destaque para o nosso animado curso carnavalesco, continuámos a promover a participação ativa, a cooperação e o desenvolvimento individual de cada criança.



Casa do Povo
Pico da Pedra



48 anos a servir o Pico da Pedra



Receberam o Sacramento do Batismo na nossa Igreja Paroquial, as seguintes crianças:

08 DEZEMBRO 2025

- **Maria Francisca Arruda Nunes**, filha de Francisco Fagundes Silva Nunes e de Raquel Filipa Roque Arruda.

28 DEZEMBRO 2025

- **João Pedro Marques Oliveira**, filho de Tiago André Duque Oliveira e de Rita Maria Leite Marques.

07 FEVEREIRO 2026

- **Valentina Raposo Moniz**, filha de Pedro Paulo Rocha Moniz e de Carolina da Graça Cabral Raposo Moniz.

14 FEVEREIRO 2026

- **Mafalda Vilares de Azevedo**, filha de Igor Noel de Azevedo e de Clara Cabral Vilares.

01 MARÇO 2026

- **Bernardo Pereira Rebelo**, filho de Leonel Rodrigues Rebelo e de Daniela Cabral Pereira.



Recebeu o Sacramento do Matrimónio na nossa Igreja Paroquial, o seguinte casal:

07 FEVEREIRO 2026

Pedro Paulo Rocha Moniz, filho de Pedro Paulo da Ponte Moniz e de Maria Judite Tavares Rocha Moniz, com **Carolina da Graça Cabral Raposo Moniz**, filha de Jacinto Raposo e de Lígia Maria Soares Cabral Raposo.



“ A vida me ensinou... A dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração.”
Fénix Fauline

HOMENAGEM AOS QUE PARTIRAM

Sempre que um dos seus filhos parte do nosso convívio, o Pico da Pedra fica mais pobre.

14 DEZEMBRO 2025

Aura da Conceição Medeiros Silva, faleceu com 42 anos de idade, solteira.

30 DEZEMBRO 2025

Augusto José Pereira Rangel, faleceu com 74 anos de idade, viúvo de Maria da Conceição Lima Costa Rangel.

01 JANEIRO 2026

Maria Celeste Garcia Raposo, faleceu com 88 anos de idade, viúva de Manuel de Paiva Costa.

03 JANEIRO 2026

Artur do Rego Rocha, faleceu com 87 anos de idade, viúvo de Maria Fernanda Carvalho Rocha.

03 JANEIRO 2026

Maria Brasil Azevedo, faleceu com 78 anos de idade, divorciada de Antão Inácio Brasil.

17 JANEIRO 2026

Manuel Alexandre Fernandes Florindo, faleceu com 52 anos de idade, casado com Sofia Alexandra Boina Gamas Fernandes Florindo.

17 JANEIRO 2026

Maria de Jesus D' Amaral Falcão Couto, faleceu com 93 anos de idade, viúva de Manuel Nunes do Couto.

10 FEVEREIRO 2026

Liduino Manuel Cordeiro, faleceu com 76 anos de idade, casado com Luísa Maria Faria Almeida Cordeiro.

16 FEVEREIRO 2026

Orlando Miranda Fernandes, faleceu com 88 anos de idade, viúvo de Liliana da Conceição Moniz Berenguer Fernandes.

Às famílias enlutadas, as nossas sentidas condolências.





Flash



PRÉMIO "Prior Evaristo Gouveia"

À semelhança de outros anos passados, uma vez mais a nossa Casa do Povo, venceu o 1º Lugar, no concurso de Presépios "Prior Evaristo Gouveia" na categoria de Presépio Tradicional, uma iniciativa dinamizada pela época natalícia da responsabilidade da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

JANTAR de colaboradores da CPPP



envolvimento de funcionários e familiares.

Foi num ambiente descontraído e, em espírito de natal e partilha que, no dia 13 de dezembro de 2025, o nosso auditório se decorou a preceito com cores, sons e sabores característicos da quadra, para acolher um evento querido da nossa Instituição, o tradicional Jantar de Natal dos colaboradores e dirigentes da Casa do Povo, o qual contou com a participação e



SOLIDARIEDADE EM CABAZ

Um grande bem-haja aos Escuteiros da nossa freguesia, Agrupamento 1144 do CNE que, em plena época natalícia abraçaram esta nobre causa da CPPP e, no âmbito da recolha de bens para a elaboração dos tradicionais cabazes de natal, se mobilizaram e dedicaram o seu tempo para proceder à receção de tantos bens quanto os que foram doados e recolhidos. Gratidão pelo meritório serviço.

PRÉMIO JOSÉ CARREIRO D'ALMEIDA



Matilde Teixeira de Melo foi a aluna com o melhor aproveitamento escolar da Escola Secundária de Ribeira Grande que, tendo terminado o 3º ciclo do Ensino Básico recebeu no passado dia 9 de janeiro, em sessão realizada no Teatro Ribeiragrاندense o prestigiado Prémio José Carreiro d'Almeida, no valor de 2.000, 00 €. Muitos parabéns por profícuo desempenho.



Picopedrense Mariana Cabral no "Chicago Stars" dos EUA

A treinadora de futebol feminino Mariana Cabral, picopedrense de gema, está a treinar este ano a equipa profissional de futebol feminino "Chicago Stars", nos EUA, depois de ter passado a última temporada nos "Utah Royals", no estado de Utah.

Mariana Cabral, que treinou o Sporting de Portugal, mantém-se como treinadora adjunta, tendo estado nas últimas semanas em Múrcia, Espanha, com a sua equipa, para um estágio de preparação da época.

Recorde-se que a NWSL (National Women's Soccer League), a liga nacional americana do futebol feminino, é uma das ligas mais importantes do mundo no futebol feminino, altamente profissional, com as equipas de cada estado a disputarem um campeonato altamente competitivo.

Mariana Cabral, que ainda há pouco tempo esteve de férias no Pico da Pedra, é madrinha do futebol feminino do Vitória do Pico da Pedra.



Flash

Anamar Jorge e Helena Rodrigues sagraram-se Campeãs Nacionais sub-18



Anamar Jorge, no Triplo Salto e Helena Rodrigues, na Marcha, sagraram-se Campeãs Nacionais nos Campeonatos de Pista Curta que decorreu em Braga, nos dias 7 e 8 de fevereiro, escalão sub-18, prova organizada pela Federação Portuguesa de Atletismo.

Anamar Jorge venceu o triplo salto com uma marca de 12,34 m, conquistando o título nacional e batendo o recorde da prova e garantindo marca para o Campeonato da Europa de Atletismo de sub-18, a realizar-se em Itália.

Helena Rodrigues, venceu os 3000 metros marcha, sagrando-se também Campeã Nacional, com um excelente tempo de 13:48, estabelecendo, igualmente, o novo recorde da prova.

Ambas as atletas, que representam o Clube Desportivo e Cultural Juventude Ilha Verde, revalidaram o título já conquistado o ano passado, demonstrando consistência e regularidade na evolução que vão apresentando no atletismo português.



Picopedrense Onésimo Almeida distinguido com o Prémio Vasco Graça Moura



O escritor picopedrense e professor universitário Onésimo Teotónio Almeida foi distinguido com o Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural, pelo seu contributo para “a afirmação da cultura da língua portuguesa no mundo”. «O júri do Prémio Vasco Graça Moura de Cidadania Cultural deliberou atribuir o prémio relativo ao ano de 2025 a Onésimo Teotónio de Almeida em virtude da sua persistente ação enquanto professor e investigador de prestígio com provas dadas nos domínios do estudo e consolidação da língua, da literatura e da cultura portuguesas, em especial nos Estados Unidos da América. Como estudioso e ensaísta tem contribuído decisivamente para a afirmação da cultura da língua portuguesa no mundo, afirmando assim a cidadania cultural como um fator exemplar de expansão e desenvolvimento», afirma o júri do prestigiado Prémio.

gundo o Presidente do Júri, Guilherme d'Oliveira Martins, trata-se de um justo reconhecimento para quem tem contribuído decisivamente para a projeção da cultura da língua portuguesa e da literatura portuguesa no mundo. Tendo a língua portuguesa uma projeção global é importante que pessoas como Eduardo Lourenço, o primeiro prémio Vasco Graça Moura, ou Hélder Macedo, o prémio do ano passado e agora Onésimo Teotónio de Almeida sejam reconhecidos como referências fundamentais de uma cultura viva.

Onésimo Almeida esteve recentemente entre nós, visitando sempre o seu Pico da Pedra, onde existe uma Biblioteca com o seu nome na Casa do Povo.



DIA DE SÃO JOSÉ

Março é o mês dedicado ao Pai e a São José. A devoção ao Pai adotivo de Jesus merece um carinho muito especial dos picopedrenses e, no caso da nossa Casa do Povo, os seus idosos e colaboradores também comungam desta devoção, fazendo jus ao nome que nos consagra e nos batiza, não fôssemos uma resposta social intitulada Centro de Dia e Convívio São José.

Anualmente pela ocasião do 19 de março, é costume recebermos nas nossas instalações o pároco da freguesia para uma celebração eucarística pautada por festa, música, emoção e alegria. Mas este ano reserva-nos uma forma diferente, mas igualmente querida a todos para celebrar São José: um encontro de gerações, em que crianças dos nossos cat'is e idosos do centro de dia e convívio rumam à casa do Pai para participar numa missa solene!

E a tradição nesta “nossa casa” mantém-se com o nosso altar decorado a preceito!



Flash



PRESIDENTE DA CASA DO POVO HOMENAGEADO NO 1º ENCONTRO NACIONAL DAS CASAS DO POVO

O I Encontro Nacional das Casas do Povo, realizado no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, na Ribeira Grande, reuniu diversas instituições de Portugal Continental, da Madeira e de várias ilhas dos Açores.

Este evento, considerado um marco histórico para estas Instituições de Solidariedade Social (IPSS), contou com as intervenções dos ilustres palestrantes Dr. Gualter Furtado e Dra. Piedade Lalanda. De forma esclarecedora, ambos se debruçaram sobre o percurso histórico das Casas do Povo — desde a sua fundação em

1933, no Estado Novo, até à atualidade. Foi realçada a notável capacidade de adaptação destas instituições, que hoje se assumem como pilares da solidariedade e promotoras de uma atividade intergeracional vital para as comunidades onde se inserem.

O Presidente da Confederação Portuguesa das Casas do Povo (CPCP) reforçou, na sua intervenção, os valores da proximidade e da cooperação. Na ocasião, homenageou vários presidentes de Casas do Povo pela dedicação de décadas ao serviço das populações — um exemplo de entrega ao bem comum que merece o reconhecimento de todos. Durante o ato, deu posse à Comissão Instaladora da Delegação Regional dos Açores da Confederação, que será liderada por Jaime Rita, presidente da Casa do Povo da Maia.

A Secretária Regional da Saúde e Segurança Social e o Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande enaltecem o trabalho de excelência destas entidades. Destacaram o seu papel como centros de apoio comunitário, guardiães de tradições seculares e importantes motores de emprego local, manifestando total disponibilidade para colaborar em iniciativas futuras.



TERCEIRO JANTAR DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS

No passado dia 21 de fevereiro, o salão da Casa do Povo voltou a encher-se para um jantar de confraternização, cuja receita reverteu a favor das obras de conservação da nossa Igreja.

Graças ao entusiasmo e dinamismo da respetiva Comissão, bem como à adesão crescente da comunidade, este evento foi, uma vez mais, um sucesso, contando com a presença de 200 convivas. Algumas pessoas contribuíram generosamente com as sobremesas, enquanto a restante refeição foi oferecida e confeccionada por membros da Comissão e paroquianos.

Ficou demonstrado, novamente, que com a colaboração de todos é possível alcançar grandes objetivos. Perante a dimensão da obra que temos pela frente, estes contributos podem parecer pequenos, mas, como diz o ditado popular, "grão a grão, enche a galinha o papo".

Bem-haja a todos!



Casa do Povo
Pico da Pedra



48 anos a servir o Pico da Pedra



RADAR

Positivo

Negativo



No salão da Casa do Povo, em 21 de fevereiro, realizou-se mais um jantar de angariação de fundos para as obras de recuperação e conservação da nossa Igreja Paroquial. Foi mais um sucesso, fruto do empenho da comissão criada para o efeito e colaboração de muitos

paroquianos. Mostra bem que, quando há incentivo e união as coisas conseguem-se e o povo desta freguesia tem dado mostras disso. Repenicados beijinhos a todos!



A 29/09/2024 escrevemos ... “Parece mentira, mas é verdade. Estamos nas Festas em Honra de N. Sra. dos Prazeres e segundo apuramos as contas das festas do ano passado ainda não foram apresentadas. Não nos cabe julgar nem profetizar, mas que é uma situação por demais estranha e anómala... lá isso é!”

Apesar de ter recebido muitas manifestações de apreço, nas redes sociais não pararam de chover críticas e conjeturas... pois nunca pusemos em questão o empenho e espírito de trabalho dos elementos da Comissão. Infelizmente, perante a situação então relatada, a história repete-se. Continuam sem dar contas referentes às festas realizadas em setembro/2025, nem sombra de nomeação de Comissão nova ou se mantém-se a mesma.



Já que estamos com a “mão na massa”, já se começa a respirar e a constatar a nova dinâmica com a entrada do Pároco Pe. Manuel Galvão. Sabemos que ainda há que sacudir muito pó dos tapetes, mas devagar vai-se chegar lá. Pois com ética e clareza das contas e não só, se consegue

infundir confiança e colaboração/união de todos.



Muito me consolei na varanda no domingo gordo, comendo umas malassadas e beberricando um chá de poejo, vendo mais um ano o nosso curso carnavalesco. Estava uma maravilha. No entanto, minhas primas é que comentaram que são sempre os mesmos bravos e corajosos que participam, lamentando a ausência de algumas instituições e grupos informais. Depois quando precisam, sabem a que porta bater!



Em relação ao Corso Carnavalesco mais uma vez concretizado, é com regozijo que registamos a colaboração dos participantes habituais e outros fora da freguesia. Há uma enorme projeção deste Corso fora das nossas portas, constata-se a vinda de muitas centenas de forasteiros.

Bom para a freguesia, bom para os negócios!



Espero que para o próximo ano a organização e participantes tenham em conta a distância entre as participações no curso. Achamos que deve ser corrigida a distância, às vezes exagerada, levando à desmotivação de quem assistia, optando por se irem embora.



Como tem surgido muita curiosidade e apostas sobre quem escreve o Radar, atribuindo estes dotes, que são só meus, a outras pessoas, que nem capacidade de escreverem uma simples linha no Facebook sem erros, resolvi informar que sou a autora destes pequenos e simples apontamentos com a colaboração de algumas primas – Tia Perpétua da Glória, mais conhecida por “Glorinha” para os mais chegados, nascida, batizada e criada nesta paróquia.

E já está. Até daqui a três meses “bezés”!



Como mulher devota e crente, tenho fé que este assunto seja resolvido de forma rápida, pois já não contabilizo as vezes que já toquei neste assunto no Radar. É sobre o estacionamento abusivo e indevido em espaços de lazer e às altas velocidades em algumas artérias desta freguesia. Ainda há

pouco tempo junto à nossa Instituição houve um aparatoso acidente, que felizmente não teve proporções graves. Esperemos que as autoridades competentes que têm o dever de zelar pelo bem comum tomem medidas concretas e rápidas.



Chamaram-me a atenção e lá fui constatar em virtude de um mamarracho que foi construído na Giestas. Na bonita entrada do Pico da Pedra, onde há um enquadramento urbanístico harmonioso, aparece um muro branco, parecendo plástico chocando com toda a envolvência e ferindo a nossa vista. Questiono como as entidades – Junta de Freguesia e Câmara Municipal – deixam tal aberração acontecer.



Escola Criativa

EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão

SESSÃO DE HISTÓRIAS COM MIGUEL ESTEVES

Nos dias 13 e 14 de novembro, os nossos alunos tiveram a oportunidade de assistir a uma sessão de histórias. À semelhança do ano passado, o nosso convidado foi o educador de infância Miguel Esteves com o seu projeto "O Miguel das estórias".

Os alunos desta escola tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência de assistir ao contar de histórias muito dinâmicas e com música. Foram momentos experienciados pelas crianças com muito entusiasmo, alegria e interesse.

Para que fosse possível a realização desta atividade, contámos com o apoio da APJCA (Associação Professor Carreiro d'Almeida), à qual agradecemos a sua colaboração.



IDA AO CINEMA NOS DO PARQUE ATLÂNTICO

No passado dia 20 de novembro, as turmas do 4º ano da EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão foram ver o filme "Os Mauzões2" no cinema NOS do Parque Atlântico.

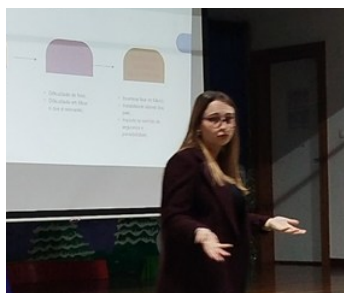
Esta visita foi feita a convite dos cinemas NOS a propósito da comemoração do Dia do Pijama e, para além do filme, os alunos receberam pipocas e uma bebida.

Foi uma atividade que agradou bastante aos alunos. Adoraram o filme a experiência.

Gostaríamos de deixar um agradecimento especial à Escola Profissional da Ribeira Grande que nos facultou o transporte e aos cinemas NOS que organizaram a atividade.



SESSÃO "COMPREENDER E PREVENIR A AGRESSIVIDADE NAS CRIANÇAS"



No passado dia 30 de janeiro, a psicóloga Filipa Melo do Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) da EBI de Rabo de Peixe promoveu na EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão uma sessão de sensibilização para os pais e encarregados de educação das crianças do pré-escolar deste estabelecimento de

ensino. A sessão intitulada "Compreender e prevenir a agressividade nas crianças" teve como principal objetivo esclarecer os participantes sobre o desenvolvimento infantil, bem como dotá-los de estratégias simples eficazes que possam ser aplicadas no quotidiano familiar.

A iniciativa revelou-se um momento de partilha e reflexão, contribuindo para uma maior compreensão das necessidades emocionais das crianças e para a promoção

de práticas educativas positivas. O nosso núcleo agradece à equipa do SPO de EBI de Rabo de Peixe pela colaboração e disponibilidade demonstradas.

CARNAVAL

A EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão viveu, esta sexta-feira, um animado e colorido desfile de Carnaval que encheu as ruas de alegria e boa disposição.

O desfile contou com a participação de muitos alunos, professores e assistentes operacionais, num verdadeiro espetáculo de criatividade. Não faltaram fantasias originais, personagens divertidas, super-heróis, princesas, animais e figuras tradicionais, tornando o momento ainda mais especial. A imaginação esteve em destaque e a comunidade pôde assistir a um desfile cheio de cor, música e entusiasmo.

Ao longo do percurso, ouviram-se risos, músicas carnavalescas e muitos aplausos. A energia contagiante das crianças espalhou o espírito festivo por todos os que assistiram, criando um ambiente de grande animação.



No final do desfile, houve um momento muito aguardado pelos mais pequenos: a partilha de deliciosas malassadas, que foram saboreadas com grande satisfação por todos os participantes.

A escola deixou ainda um agradecimento especial à Junta de Freguesia do Pico da Pedra, pelo apoio prestado na realização do evento, nomeadamente por ter assegurado a música e cedido o camião que acompanhou o desfile, contribuindo de forma essencial para

o sucesso desta celebração.

Foi, sem dúvida, um dia memorável, marcado por muitos participantes, muitas fantasias e, acima de tudo, muita alegria.



Casa do Povo
Pico da Pedra



48 anos a servir o Pico da Pedra



IRS 512012644 Solidário



Estimado Amigo (a),

A Casa do Povo de Pico da Pedra apela novamente à sua colaboração. Para tal, só precisa de preencher o campo 1101 do quadro 11 (modelo 3), com o número de contribuinte **512012644**, ou em alternativa, pode indicar a sua opção diretamente no Portal das Finanças – <https://www.portaldasfinancas.gov.pt>



11		CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS / CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO		
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS				
Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)	<input type="checkbox"/>	1101	NIF	IRS IVA
Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)	<input checked="" type="checkbox"/>			
Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.ºs 5 e 7, da Lei n.º 35/98, de 18 de julho)	<input type="checkbox"/>	1102	5 1 2 0 1 2 6 4 4	<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152.º do CIRS)	<input type="checkbox"/>	1103		

Com esse simples gesto é entregue à Casa do Povo 1% do seu IRS, o que nos permitirá concretizar algumas atividades de cariz Social, Cultural e Recreativo.

Bem haja!

Um pequeno gesto que é uma grande ajuda!

AGRADECIMENTO

Reconhecidos, agradecemos a todos quantos, no preenchimento do seu IRS colocaram o nosso número de contribuinte como beneficiários de 1% estipulado por lei.

Este gesto simples, mas amigo, foi fundamental para que recebêssemos do Orçamento do Estado uma verba interessante que nos irá possibilitar concretizar alguns projetos do nosso Plano de Atividades.

Contamos convosco novamente este ano.

Bem hajam!